



CABEDALPE

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO BÁSICO DA
ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

A EBD E O ENSINO DAS
VERDADES ETERNAS
SL 119.89



PALAVRA PASTORAL

Com a graça de Deus, temos chegado até aqui. Vencendo os mais variados desafios, a Igreja segue impoluta, sabendo que não está só. Contamos com a ajuda do Espírito Santo, o espírito da promessa, que nos orienta, consola e capacita nas tarefas que Deus Pai nos dá. Que cada crente tenha em seu coração a convicção que foi chamado por Deus para fazer uma grande obra, e que não pode parar (Ne 6.3). Na verdade, não podemos parar nem olhar para trás. Seguindo firme e avante, sempre, chegaremos ao prêmio da soberana vocação (Fp 3.4), à coroa que nos está reservada para o dia final (2Tm 4.8). Que o Senhor Jesus continue sustentando nossos passos, pois estamos olhando para Ele, autor e consumidor da fé (Hb 12.2). Agradeço o trabalho dos meus irmãos, as ovelhas que Jesus me confiou. E orando sempre por vós, para que sejam edificados cada vez mais na Palavra de Deus.

A paz do Senhor Jesus.



Pastor Roberto José dos Santos
Presidente da IEADALPE e da COMADALPE
Pastor - Mestre Em teologia (Liderança) Advogado

PALAVRA DA SUPERINTENDÊNCIA

Queridos irmãos e irmãs, estamos felizes por realizar mais um CABEDALPE em nossa igreja. Esse trabalho sólido que tem alcançado gerações comprometidas e compromissadas com o ensino da sã doutrina. Em tempos de relativismo, apostasia, ataques inflamados à fé cristã e tantos outros desafios, a Igreja segue crendo e proclamando que há uma verdade absoluta e eterna: a Palavra de Deus. Que cada um de nós siga meditando nas Escrituras e sendo instrumentos de sua proclamação. Há muito a ser feito, há muitos como o eunuco etíope procurando Felipes que lhe perguntem: “Entendes o que lê?” A EBD cumpre esse papel, a cada dia, alcançando todas as faixas etárias com os devidos impulsos e recursos didáticos. Não como uma mera aula, um ajuntamento dominical, uma agremiação cultural. De maneira alguma! Mas como um povo que se debruça sobre a Palavra, aprendendo como Esdras no retorno do exílio, a amá-la, proclamá-la e praticá-la.

Deus abençoe a todos em nome de Jesus



Pastor Renato Torres Moul
Superintendente da EBD
Teólogo e Biólogo

PEDAGOGIA PARA EDUCAÇÃO INFANTO JUVENIL



Gláucia Maria Leal

REFLEXÕES E ABORDA- GENS RELACIONADAS AO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

TEXTO BASE: ATOS 8:30-31

“E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaias e disse: Entendes tu o que lês? E ele disse: **Como poderei entender, se alguém me não ensinar?** E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse.” (grifo nosso)..

Ensinar é uma das principais missões da Igreja. O ensino da Palavra foi firmemente estabelecido no Antigo Testamento e enfatizado de forma marcante no Novo Testamento. JESUS, nosso Mestre por excelência, destacou o ensino como meio principal de moldar o caráter cristão. Como a Grande Comissão de ensinar vem dEle, em Mateus 28:19-20, os discípulos deviam pregar e ensinar a Palavra para ganhar as nações para Cristo e depois continuar ensinando para crescerem na graça e no conhecimento de Deus. Ensinar não é somente ler uma passagem das Escrituras ou uma lição de EBD ou ainda contar uma história bíblica

para nossos alunos. É um ministério concedido pelo Espírito Santo para que haja uma aprendizagem real da palavra de Deus e a reprodução do caráter de Cristo na vida do crente.

DEFINIÇÃO DE “PEDAGOGIA”

Destacamos neste primeiro tópico algumas considerações sobre a PEDAGOGIA que se define segundo Braithwait (2002), como sendo o “conjunto de conhecimentos sistemáticos relativos ao fenômeno educativo”. A Pedagogia também dialoga com outras ciências como a Sociologia, a Psicologia, o Serviço Social. Todavia, a **Pedagogia Cristã** se estabeleceu com princípios voltados ao ensino da Palavra de Deus, tendo como grande Mestre o Espírito Santo, o qual inspira os nossos educadores na transmissão do conhecimento bíblico através da revelação divina.



A palavra PEDAGOGIA tem origem no grego (paidagogo): paidós = criança / gogia = conduzir / logos = tratado, ciência. Na Grécia clássica o pedagogo era o escravo encarregado de acompanhar os meninos até a escola. No decurso da história do Ocidente, a Pedagogia firmou-se como correlato da educação; educação não só de crianças, mas atividade de ensino-aprendizagem em geral, de modo metódico, sistemático.

A Pedagogia Cristã é a ciência que tem por objeto de estudo a Educação direcionada ao Ensino Bíblico, ou seja, o processo de ensino e aprendizagem, tendo como base as Escrituras Sagradas.

O ensino e a aprendizagem são ações simultâneas e interativas, são atos que, para serem levados a efeito, exigem daqueles que os praticam, uma entrega total e constante. Essa verdade se mostra ainda mais contundente quando consideramos a ação educativa do âmbito cristão,

com suas peculiaridades e desafios. Não trataremos nesse momento, da segunda ação (a aprendizagem), mas tão somente da primeira (o ensino).

Quando o professor se levanta para expor sua aula, ele se coloca como um instrumento de transformação que atua nas múltiplas áreas de formação do aluno (VITO, 2011). Assim como a “escola secular”, a Escola Dominical precisa descobrir (ou redescobrir) a sua vocação transformadora. Os motivos são óbvios, visto que tendo a Bíblia como fundamento teórico, e sendo a Bíblia a Palavra de Deus que tem papel transformador, seria natural que a postura daqueles que fazem a Escola Dominical e a natureza do seu ensino fossem também transformadores. É em Jesus, o Mestre dos mestres, que vamos encontrar o nosso referencial de educador cristão e de ensino transformador, que assim como nós, enfrentou a dura realidade de um sistema de ensino reprodutor das mazelas da sociedade de seu tempo.

A SOCIEDADE CONTEMPORANEA DE JESUS

A sociedade judaica onde Jesus nasceu e foi educado, era caracterizada pelo formalismo e centrada numa religiosidade mecânica, ritualística e excludente. Como resultado, a injustiça social se proliferava e se manifestava em forma de miséria, da exploração do próximo, do favorecimento das elites, etc. O legislativo, o judiciário, o executivo, e o religioso, todos estavam contaminados, corrompidos e comprometidos. Observemos alguns fatos e retratos deste quadro caótico nos evangelhos, e o posicionamento de Jesus diante desta realidade de seu tempo:

- O rito se tornou mais importante do que o motivo: vãs repetições (Mt 6.7)
- A tradição se tornou mais importante do que a Escritura (Mt 15.1-3)
- O cargo se tornou mais importante do que o serviço (Mt 20.20-21)
- O símbolo se tornou mais importante do que a coisa em si (Mt 23.-16-22)
- A aparência se tornou mais importante do que a essência (Mt 23.25-28)
- A instituição se tornou mais importante do que as pessoas (Jo 19.24-34)

Assim, torna-se evidente que Jesus não se conformou nem silenciou diante dos grandes desafios da sociedade e do sistema religioso falido de sua época; antes, os contestou e partiu para uma ação transformadora que envolveu a pregação e o ensino da Palavra. Somente pessoas transformadas pelo poder da Palavra podem de fato conduzir a sociedade às mudanças éticas, morais, sociais e espirituais que este mundo precisa experimentar. Ao contrário disso, em qualquer tempo e lugar, a única forma de não incomodar o sistema e não ser por ele perseguido é ficando quieto, inerte, omissivo e calado. Como a missão de Jesus, recebida do Pai, não incluía tais posturas, ele resolveu enfrentar o sistema, com plena consciência de todas as implicações deste ato.

A relação de Jesus com o sistema educacional de sua época caminhava com certa tranquilidade, até que, usando o próprio espaço educacional do sistema (a sinagoga), começou a incomodar o sistema com algumas interpretações “heterodoxas” (quaisquer opiniões ou doutrinas que discordem de uma posição oficial) e “heréticas” (assim entendidas como defesa de heresia) das Escrituras (Lc 4.17-27).

Por causa disso, os guardiões da tradição judaica, escandalizados com as suas interpretações, expulsaram-no violentamente da sinagoga e da cidade de Nazaré (Lc 4.28-30). A partir de então, o sistema oficial de ensino judaico teve Jesus como uma ameaça aos modelos e pensamentos vigentes, e a sua presença tornou-se indesejada nas reuniões públicas dos judeus. É nesse momento que em vez de recuar, antes ocupando lugares abertos fora dos espaços oficiais, usando o campo, o deserto, as praias, os montes, etc., Jesus, com toda a liberdade e ousadia do Espírito, ensina e prega atraindo multidões. Sua pedagogia, a Pedagogia de Cristo (revolucionária para o seu momento), fez com que as multidões cansadas do ensino mecânico dos rabinos da época, dessem as costas para o sistema, abandonassem os espaços, os conteúdos e os mestres oficiais. A posição de Jesus foi assim firmada, e a crise com as instituições de Israel instaurada de uma vez por todas com a quebra de paradigmas.

PROFESSOR OU EDUCADOR? E QUAIS SÃO AS SUAS RESPONSABILIDADES?

1

Embora estejamos acostumados com o título/cargo de “professor da Escola Dominical”, o conceito moderno mais adequado àquele que promove educação transformadora é o de **EDUCADOR**. Há uma grande diferença entre ser **professor** e ser **educador**. Ambos tratam da mesma missão, do mesmo objetivo; entretanto, ser educador vai além de meros conteúdos e currículos aplicados. Ser educador transpõe a sala de aula e visualiza os seus alunos como indivíduos que pensam, que possuem dificuldades e que necessitam de ações transformadoras em seu contexto diário e em seu caráter. **Educadores são pais e mães espirituais que adotam em oração, lágrimas e sementeira corações que se aproximam do Mestre, a cada aula ministrada. O educador cristão é, em sentido original, um mensageiro, um propagador ou lembrador das verdades de Deus.**

Em razão dessas especificidades, o educador cristão tem uma tripla responsabilidade:

1. Uma responsabilidade em relação a Deus, a quem devemos de prestar contas (Hb 4.13; 1 Pe 4.5);
2. Responsabilidade em relação a si mesmo (2 Tm 2:15)
3. Responsabilidade em relação aos seus alunos (1 Tm 4:16) - Aquilo que chamamos em outra oportunidade de “sua responsabilidade em relação ao seu semelhante” que é, como diz as Escrituras, imagem de Deus (Gn 1.26).

O ambiente da sala de aula é um lugar de relações humanas, e sendo este lugar a congregação cristã, é um lugar de maturação e de crescimento. Esse é o “ambiente de trabalho do professor”. Trabalho esse que é exercido com oração, amor e dedicação ao chamado que Deus, em sua graça, entregou a cada um que exerce o magistério cristão. Uma vez que a relação entre professor e aluno ganha contornos de relevância como parte integrante no processo de ensino e aprendizagem, cabe então pensar quais são as responsabilidades do professor cristão em relação ao seu aluno em sentido global.

O PROFESSOR DEVE CONHECER O CONTEÚDO BASE DE SEU ENSINO

A Bíblia é a Palavra revelada de Deus e, por isso, a base de todo o ensino cristão. Assim, poderíamos dizer que todo o ensino cristão que não tem a Bíblia como sua bússola que indique a direção a ser seguida, não é digno de ser chamado por esse nome, e nada mais é do que fábulas e retóricas persuasivas para conduzir ao engano, como bem disse o apóstolo Paulo (Tt 1.14). Quando o professor cristão se volta para as Escrituras, faz com que o seu aluno seja santificado pela verdade e tenha uma “firme consolação” (Hb 6.18; Jo 17.17). A não centralidade da Palavra no ensino cristão **certamente acarretará, entre outras coisas, em nanismo espiritual, ou seja, “pequenez anormal do tamanho com relação à média dos indivíduos da mesma idade”, em nosso caso, espiritual. Isso acontece “porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4.12) – logo, sem esta Palavra que é “viva” e “eficaz”, o cristão não terá nada senão o contrário delas que “morte” e “ineficiência”.**

Deste modo, cabe ao professor encharcar o seu aluno da “boa Palavra de Deus” (Hb 6.5). Isso, porém, só será possível se o professor for conhecedor e estudante das Escrituras. Como disse Paulo a Timóteo, seu filho na fé, aquele que instrui deve ter cuidado de si “mesmo e

e da doutrina [...] porque, “fazendo isto” ele salvará tanto a ele mesmo como aqueles que o escutam” (1 Tm 4.16). No Antigo Testamento temos a exortação que o próprio Deus faz ao líder Josué:

Tão somente esforça-te e tem mui bom ânimo, para teres o cuidado de fazer conforme a toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que prudentemente te conduzas por onde quer que andares. Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem sucedido. (Josué 1.7-8)

Tais palavras devem servir ao educador que professa e ensina a fé baseada na revelação de Deus como uma espécie de exortação confortante. O pastor e teólogo cristão John Stott entendeu bem a importância da Palavra para o povo de Deus. Disse ele:

“A Igreja depende da Bíblia em muitos aspectos [...] o Criador sempre sustenta aquilo que ele cria; e, desde que deu vida a Igreja, ele mantém sua existência. E mais, tendo-a criado através da sua Palavra, ele a sustenta e nutre pela sua Palavra. Sem a PALAVRA as Igrejas não podem florescer. As igrejas precisam ouvir a Palavra de Deus constantemente [...] A Igreja cristã cresce rumo à maturidade em Jesus Cristo apenas quando ouve e recebe a Palavra de Deus, crê nela, a absorve e lhe obedece”. (Stott, 1993, pp. 70, 72-73).

O PROFESSOR DEVE CONHECER O SEU TEMPO

Quando se propõe a olhar cuidadosamente o seu tempo (isto é, o contexto em que vive), o professor tem a oportunidade de fazer do seu aluno um cristão consciente das dificuldades que sua fé enfrenta ou enfrentará no confronto inevitável com as ideias, crenças e filosofias contemporâneas; e assim o professor irá fugir da tentação de praticar

um ensino “para as nuvens” que não atenda às necessidades do educando. **A Pedagogia Cristã “deve levar o indivíduo a atuar na realidade, porque é dela e nela que ele vive” (Nérici, 1992).** Esse encontro com a realidade deve instar o educador cristão a cumprir o seu ministério, isto é, pregar a Palavra, repreender, exortar e falar das verdades eternas em todo o tempo, “*porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas*” (2 Tm 4.3-4).

O esforço do professor para examinar a sua realidade será, sem dúvida, de grande ajuda para o seu aluno e para ele próprio como um agente de Deus na transformação e maturidade do educando.

O educador cristão precisa ter como exemplo maior em sua prática educativa o Senhor Jesus que é o mestre por excelência: Ele não apenas ensinava com palavras, mas com ações e exemplos (1 Pe 2.21). O mestre cristão tem que fazer do seu trabalho uma necessidade e uma missão (Jo 4.34), pois só assim conseguirá dar “frutos bons”. John Dewey (1859-1952), filósofo, psicólogo e educador, em seu livro “Como Pensamos” (1910, traduzido para o português em 1959), faz uma comparação entre ensinar e vender. Diz ele:

“Ridicularizaríamos um negociante que dissesse ter vendido grande quantidade de mercadorias, embora ninguém houvesse comprado coisa alguma. Entretanto, há professores que pensam ter realizado um bom dia de trabalho educacional sem levar em conta o que seus alunos aprenderam”.

O professor cristão, não deve se conformar em passar apenas a Lição aos seus alunos; antes, assim como seu Mestre Jesus, deve ele esforçar-se em oração e aconselhamento para que seus alunos coloquem em prática aquilo que aprenderam, melhorando assim as suas vidas em relação a Deus, à família, à Igreja e à sociedade. Aprender é sempre uma aventura brilhante e espera-se que o professor seja o primeiro entusiasta do seu trabalho mediador.

“Quem ama o que faz acaba inventando uma maneira de contagiar outros com o seu amor”. (Isabel Parolin)

NOSSOS PEQUENINOS: MÚLTIPLOS OLHARES PARA O SEU CRESCIMENTO NO REINO DE DEUS



Todas as pessoas, que servem e conhecem a Deus, são chamadas para esta Comissão: “Cuide e apascente os meus cordeirinhos”. As crianças foram muito bem recebidas e alvos da solidariedade do Senhor Jesus Cristo. E não nos esqueçamos que Pedagogia, em sua etimologia, significa “acompanhamento da criança; condução dos infantes pelo caminho designado”. O cuidado com os cordeiros é o exercício do ofício de um pastor. No sentido espiritual é governar, regulamentar, dirigir, orientar, fazer o trabalho de um cuidador junto ao rebanho. O cuidado envolve alimentação, ensino da doutrina, preceitos e condutas na trajetória cristã.

A criança tem dupla necessidade de crescimento na graça. Tal processo envolve o ser, o saber, o fazer e o sentir para receber maior poder da parte de Deus. A instrução à criança é imprescindível porque ela poderá ter muitos anos de serviço no Reino à sua frente. Terão muito mais tempo para treinamento. O auxílio à uma criança a ajudará a se converter e desenvolver um alto grau de piedade para exercer o seu chamado na obra do Senhor. Será que temos nos esforçado pela conversão de crianças tanto quanto temos nos esforçado pela conversão de adultos?

Os discípulos tinham tanta reverência por seu Mestre que queriam mandar embora os pequeninos para que o Grande Rabino não parecesse ser um mero professor de bebês. Assim, também, se alguém nos critica por receber crianças novas na igreja, usaremos a crítica como alicerce para fazer crescer cada vez mais o ensino direcionado aos pequeninos. A repreensão que os apóstolos fizeram sobre as crianças deve-se em parte por ignorarem as necessidades das mesmas. Esqueceram-se de

que nessas crianças, com toda sua alegria, saúde e inocência aparente, havia uma necessidade grande e grave da bênção da graça de um Salvador. Há uma tendência para o mal mesmo onde não é desenvolvida em ato, e essa tendência precisa ser vencida pelo poder divino do Espírito Santo. O ensino conduzirá os nossos pequeninos ao conhecimento da verdade, que por sua vez atuará no coração da criança, revelando-lhe que Cristo é seu Senhor e Salvador pessoal – daí brota o novo nascimento. Aliás, a verdadeira semente não nasce segundo a carne, mas segundo o Espírito.

É provado e testemunhado que crianças na primeira infância podem ter experiências profundas com Deus. **A capacidade de crer se acha mais na criança do que no adulto. Cada ano de vida leva a mente não regenerada para mais longe de Deus. Nenhum terreno está mais bem preparado para a boa semente do que aquele que ainda não foi pisado e endurecido como a estrada, nem ficou cheio de mato com espinhos.** Também, em alguns casos, a criança ainda não aprendeu os enganos do orgulho, a mentira da ambição, as ilusões do mundanismo, os truques do comércio, os sofismas da filosofia; e por enquanto desfruta de vantagem sobre o adulto.

O PROFESSOR INFANTO JUVENIL: MANTENDO O OLHAR DE AMOR

Simão Pedro era o homem ideal para pastorear os cordeiros porque era um grande devedor e tivera uma grande experiência com Cristo. Experimentara o amor e perdão incondicional de Deus e fora devidamente preparado para esta função. Para ser chamado, foi, primeiramente, alimentado. O professor deve alimentar a sua própria alma, para depois alimentar. Pedro esteve junto ao seu Mestre, ouviu a sua voz, recebeu o seu olhar atingindo-lhe o coração e respirou o ar que envolvia o Senhor ressuscitado. Esta comunhão tocou o coração daquele que foi comissionado para falar e orientar a todos os povos.

O preparo de Pedro também envolveu o autoexame: “Simão, filho de Jonas, tu me amas? Tu me amas? Tu me amas?” O recipiente foi devidamente lustrado para que nele se pudesse colocar água limpa para levar aos sedentos! O homem de coração sincero precisa passar pela sondagem e examinar-se a si mesmo para constatar se realmente ama a Cristo!

A melhor forma de se preparar para esta nobre tarefa é demonstrar amor pelos cordeiros, usar os seus nomes em nosso peito. Se não houver amor, o trabalho será mal feito e o rebanho estará à mercê do lobo. Cordeiros vivos não podem ser alimentados por homens mortos. Nosso alvo é compartilhar o amor para o coração daqueles que ensinamos e nutrimos. Como podemos transmitir o fogo, se ele não está aceso em nosso coração? Nós devemos amar os cordeirinhos, assim como Cristo os amou, haja vista que foram escolhidos, redimidos, chamados, lavados, alimentados e guardados em amor. Ame e depois alimente. Nossa função é alimentar com a Palavra de Deus, sólida e sadia. Este trabalho deve ser humilde e despretensioso, sem ostentação. Alimentar os cordeirinhos é um trabalho cuidadoso, não podemos oferecer qualquer alimento. É um trabalho árduo que requer dedicação, envolvimento, entrega e disposição para estar presente em diversos momentos nas vidas das ovelhas em processo de crescimento.

O verdadeiro ensinador é uma ferramenta nas mãos do Todo Poderoso. Ele é caloroso com zelo, mas não é inflamado com paixão; é bondoso, contudo, governa sua classe; ele é amoroso, mas não fecha os olhos numa piscada ao pecado; tem autoridade sobre os cordeiros, mas não é imperioso nem sarcástico; tem bom humor, mas não frivolidade; liberdade, mas não licenciosidade; seriedade, mas não cara fechada. Quem cuida dos cordeiros também deve ser um cordeiro. E bendito seja Deus, pois há um Cordeiro diante do Seu trono que cuida de todos nós, e que faz isso com mais eficácia porque Ele é em todas as coisas feito como nós.

“DOS TAIS É O REINO DOS CÉUS”: O OLHAR DE MOTIVAÇÃO

As crianças devem ser ensinadas simplesmente segundo a vontade e o prazer de Deus porque Ele os fez para serem seus. Muitas crianças entram no reino de Deus pela fé, recebem o evangelho com humildade e nos são mostradas como um exemplo em todas as coisas. Elas ouvem a maravilhosa história da cruz, nela acreditam e não têm pontos a revidar, haja vista que ainda não têm preconceitos. Não são infiéis, desconhecem as heresias e falsas filosofias, estão livres de orgulho, não se vangloriam de justiça própria nem expõem a sua fé em frios rituais religiosos...

“O primeiro e indiscutível direito da criança é aquele que lhe permite expressar livremente suas idéias”. (Janusz Korczak).

O aluno, em nosso caso, a criança, é aquele para quem está voltada toda a ação didática, pois o mesmo é o componente fundamental do processo de ensino aprendizagem, sendo este o alvo central do professor, do planejamento e das atividades desenvolvidas em sala de aula. **Compete, então, ao professor reconhecer o valor de seu aluno, seu potencial e sua capacidade de crescer no Reino de Deus. Se o aluno não for motivado, incentivado e bem instruído, dificilmente permanecerá no caminho da aprendizagem** contínua. Cada indivíduo tem suas particularidades e características próprias, se faz necessário então atender o aluno considerando as suas necessidades, seus anseios e suas dúvidas. (Mateus 19: 21)

“DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS”: O OLHAR DE AFETIVIDADE

Acolher significa trazer para si, abraçar, manter sempre ao lado. Podemos também favorecer o crescimento das verdades de Deus na vida de nossas crianças através da afetividade. Jesus ensinou as mais diversas faixas etárias, seus métodos atingiam o coração das multidões que o seguiam; entretanto, não se omitia em dar assistência àqueles que por algum motivo estavam aprisionados entro de si mesmos. O olhar acolhedor de Jesus ensinou lições de amor misericórdia e perdão.

Em geral qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem. Segundo Vygotsky (1988), o desenvolvimento humano se dá em relação, nas trocas entre indivíduos com ações sociais, através de processos de interação e mediação. Acredita ainda que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com outro indivíduo; assim, desde que nascemos estamos em constante aprendizagem. **A fé em Cristo não é herdada e sim, aprendida. Sendo assim, é na infância que observamos o tempo ideal para ensinar os princípios bíblicos e gerar fé em nossos cordeirinhos.**

Alguns alicerces do aprendizado se destacam como: aguçar a curiosidade da criança, persuadir o aluno a comparecer a aula com conhecimentos prévios, envolver o aluno na realização de atividades e ensinar de tal maneira que isso lhe seja agradável e o incentive a exercitar a memória. **A aprendizagem se torna real através de dois meios principais: audição e visão. Entretanto, é possível destacar a combinação desses dois meios chamado de audiovisual, que é muito eficaz na aprendizagem e que pode ser considerada uma ferramenta eficiente na aplicação das verdades bíblicas para o nosso educando**

O SENTIDO DA AUDIÇÃO

“Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha” (Jesus, em Mateus 7:24)

Manter a atenção do aluno naquilo que ele escuta é uma das maneiras positivas de alcançar a sua aprendizagem em sala de aula; porém, deve-se considerar que o aluno deve ouvir e entender claramente o que falamos. Os contadores de histórias se utilizam desse meio para captar a atenção dos seus ouvintes, através da oralidade de personagens

bíblicos. Portanto, é importante sabermos dosar: o tempo da narração da história (ou exposição do conteúdo), o timbre e o volume da voz, o ritmo (velocidade) da narração e a dramatização do fato narrado. Se deixarmos de atentar para estes pontos poderemos perder a atenção do nosso aluno, que acabará não nos vendo mais que um mero contador de histórias desconexas de sua realidade e da aula. A aula, seja para criança ou adulto ficará insípida se não soubermos usar bem os recursos da nossa voz e da capacidade auditiva de nosso aluno.

O SENTIDO AUDIOVISUAL

Combinando a audição e a visão, teremos um recurso de ensino que contribuirá para o processo de aprendizagem do aluno e sua prática quanto as verdades de Deus. O aluno aprende 86% daquilo que ouve e vê ao mesmo tempo. Desse modo a retenção do ensino torna-se mais estruturado e os resultados se apresentam no crescimento espiritual de cada educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens apresentadas põem em evidência a necessidade de promovermos uma educação cristã de qualidade. A Pedagogia Cristã direciona a aplicação das Escrituras Sagradas através de recursos humanos e técnicos, entretanto, o que nos fortalece é a presença do Espírito Santo, o Consolador, nesse direcionamento. É Ele que nos ensinará tudo quanto necessitarmos diante de nossas aulas ministradas aos pequeninos, jovens e adultos. Afinal, somos despenseiros de Deus, chamados para a missão específica que a curto ou longo prazo tem produzido frutos nas diversas gerações da Igreja de Cristo. Por isso, vale a pena cumprir o Ide, entregar-se ao Senhor da Obra e se deixar ser usado por Ele como um agente transformador que direciona a Palavra viva e eficaz aos corações de seus alunos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUENO, Telma. Ensinando a Fé Cristã às Crianças - Um Guia para Pais e Professores. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

BRAITHWAITE, Bruce. Elementos de Pedagogia: Princípios e meios auxiliares de ensino. 4ª Ed. Campinas/SP: EETAD, 2002.

TULLER, Marcos. Abordagens e Práticas da Pedagogia Cristã. 1ª ed. Rio de Janeiro/RJ: CPAD,2006.

TEOLOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTO JUVENIL



Gláucia Maria Leal

A Teologia, ou seja, o estudo de Deus e das manifestações religiosas no dia a dia, não é uma ciência meramente destinada a adultos, ou que deve ser empregada apenas para os mais velhos, ou quando atingimos certa “maturidade”. Logo que uma criança começa a se comunicar de maneira coerente, algumas perguntas começarão a surgir. Isso é fato! Perguntas simples e que todos os humanos um dia fizeram, e os que estão por vir farão. Tais como: De onde viemos? Para onde vamos?

A Teologia Infantil inicia em casa, quando os pais que possuem conhecimento bíblico, começam a ensinar seus filhos que existe um Deus Poderoso, que ele sempre poderá recorrer a Ele, em situações boas ou ruins.

Porém, muitas vezes os pais não possuem o domínio e nem as práticas de ensino corretas para ensinar teologia, visto que muitos pais ensinam aos seus filhos uma visão de que Deus age apenas como um Deus que castiga, Isso acontece, por exemplo, sempre quando um pai ou uma mãe fala ao seu filho: “Se você não se comportar direito, papai do céu vai te castigar!”. Esta forma de ensinar teologia só mostra Deus como um ser mal, que sempre irá punir quando erramos.

Ensinar as nossas crianças e adolescentes sobre Deus, inspira cuidados, sabedoria e clareza acerca de seus atributos divinos, sua Palavra que é lâmpada e luz para nós e, acima de tudo, ela apresenta os principais fundamentos que edificam a fé.

Abordaremos dentro da temática proposta, quais os ensinamentos básicos que devemos ensinar as nossas crianças e adolescentes, considerando que desde a primeira infância, é necessário apresentar DEUS, como **ONIPOTENTE, ONIPRESENTE, ONISCIENTE**. Seus atributos, suas qualidades, suas ações em relação ao homem e seu grandioso plano de salvação para todo aquele que crê.

DEUS NOS CRIOU (DEUS ONIPOTENTE)

A Bíblia nos ensina vários fatos importantes sobre o homem e como foi criado originalmente:

Foi criado direta e instantaneamente por Deus – do pó da terra (Gên. 1:26-27), seu corpo foi criado primeiro e depois a sua alma, isto exclui completamente a teoria da evolução que afirma que a vida veio em primeiro lugar. A Bíblia também deixa claro que Adão foi o primeiro homem (1 Cor 15:45)

Foi criado á imagem e semelhança de Deus – (Genesis 1:27), isso significa que tinha faculdades intelectuais e mentais, tinha personalidade e conhecimento; Tinha mente para pensar - Era um ser com mente para pensar (Gênesis 2:15) emoções para sentir (Gênesis 3:8) e vontade para tomar decisões (Gênesis 2:15-17).

Deus criou o homem para a sua glória – (Isaias 43:7, Colossenses 1:16) e para se comunicar com Ele (Gênesis 3:8-9);

A primeira mulher foi criada do homem (Gênesis 2:21-22) e Deus colocou o homem Adão, no jardim; (Gênesis 2: 15-17)

Deus na sua Onipotência, criou todas as coisas, com perfeição, harmonia e sabedoria, Ele é soberano!

O HOMEM CAIU (DEUS ONISCIENTE)

A Bíblia nos conta como tudo aconteceu (Gênesis 3:1-8), o homem desobedeceu a Deus e ao seu mandamento, esta desobediência é o que chamados de **PECADO**, e como resultado o homem caiu de seu estado inocente, original e se tornou pecador (Gênesis 3:7-12)

O pecado originou se na proposta de Satanás para a mulher que fora criada para **ADÃO**, e colocou em dúvida o que Deus ordenara a Adão, a serpente sagazmente usou de engano e os levou á queda. Assim somos pecadores por natureza (Efésios 2:3)e por prática (Mateus 15:19). A Bíblia menciona que todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus (Rom 3:23), o pecado é transgressão da lei de Deus (1 João 3:4). Deus, na sua Onisciência, nunca se engana, nada está, ou pode estar, escondido dEle; (Rom 11:33).

A SOLUÇÃO PARA O HOMEM CAÍDO: JESUS CRISTO, O SALVADOR (DEUS ONIPRESENTE)

Deus está presente em todos os lugares, de uma forma real e pessoal. Não há lugar onde Ele não esteja, no jardim do Eden, Deus estava presente quando o homem veio a queda, entretanto, Deus enviou a promessa que o Redentor viria, aquele que haveria de redimi-lo do pecado e transformar a sua vida em uma nova criatura.

Sua presença esteve em todo o tempo na história dos patriarcas, profetas e apóstolos, cuidando, zelando, pois as suas misericórdias duram eternamente, Ele guardou em todo o tempo a descendência de Abraão, mantendo a sua promessa do Libertador; Cristo veio ao mundo como sendo o caminho, a verdade e a vida (João 14:6), fomos reconciliados com Deus por meio de Cristo (Rom 5:10), sempre precisamos lembrar que Cristianismo é CRISTO! As doutrinas centrais da nossa fé cristã se focalizam em Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Ele nos justifica (Romanos 5:1)

Ele nos livra do poder do pecado (Mateus 1:21)

Ele é a nossa redenção e nos transportou para o seu reino (Colossenses 1:13-14)

Ele é o Cordeiro de Deus (Atos 8:26-40)

Considerações finais:

O único guia seguro para livrar nossas crianças e adolescentes dos ensinamentos errôneos deste mundo é a Bíblia, ela é a revelação de um Deus que tem conhecimento infinito e, portanto, pode oferecer -lhe verdade absoluta. Deus lhe deu uma revelação suficiente e completa. Os métodos de Deus não têm sido comprovados como inadequados, simplesmente não tem sido experimentados. A Igreja espelha os problemas desta sociedade porque em gerações anteriores, não estávamos cumprindo nossa tarefa de conduzi los ás verdades bíblicas com autenticidade e com base nos ensinamentos de Cristo.

Deus chama os seus filhos para exercerem autoridade, Ele é a nossa Autoridade e outorgou autoridade a pessoas, dentro de instituições (lar, escola, igreja, estado, empresa), não podemos nos envergonhar de sermos autoridade sobre nossos filhos.

Devem orienta-los, não segundo seus interesses e conveniência, mas segundo os padrões divinos, ensinar sobre Deus as crianças e adolescentes é promover um discipulado para toda a vida, pastorear envolve investimento de sua vida em seu filho, valores e vitalidade são assimilados na prática, conceitos divinos são contados através de histórias bíblicas que mudam o

caráter e as atitudes de uma criança ou adolescente. A mensagem escrita em Deuteronômio 6:5-7, traz a evidência do quanto é importante estar ao lado, vivenciar as verdades bíblicas e conduzi las de geração a geração, desde a primeira infância, tornando uma prática diária, devocional, culto no lar, memorização de versículos, desafios bíblicos, fazendo valer seu papel de pastor, ensinador e pai/mãe;

Voltemos ao altar da reconstrução, as nossas dracmas estão perdidas dentro da casa, somos responsáveis pelas gerações que virão, somente o

caráter e as atitudes de uma criança ou adolescente. A mensagem escrita em Deuteronômio 6:5-7, traz a evidência do quanto é importante estar ao lado, vivenciar as verdades bíblicas e conduzi las de geração a geração, desde a primeira infância, tornando uma prática diária, devocional, culto no lar, memorização de versículos, desafios bíblicos, fazendo valer seu papel de pastor, ensinador e pai/mãe;

Voltemos ao altar da reconstrução, as nossas dracmas estão perdidas dentro da casa, somos responsáveis pelas gerações que virão, somente o ensino das verdades bíblicas poderá assegurar filhos e filhas saudáveis e fundamentados na fé cristã.

caráter e as atitudes de uma criança ou adolescente. A mensagem escrita em Deuteronômio 6:5-7, traz a evidência do quanto é importante estar ao lado, vivenciar as verdades bíblicas e conduzi las de geração a geração, desde a primeira infância, tornando uma prática diária, devocional, culto no lar, memorização de versículos, desafios bíblicos, fazendo valer seu papel de pastor, ensinador e pai/mãe;

Voltemos ao altar da reconstrução, as nossas dracmas estão perdidas dentro da casa, somos responsáveis pelas gerações que virão, somente o ensino das verdades bíblicas poderá assegurar filhos e filhas saudáveis e fundamentados na fé cristã.

Paulo escreveu “até que eu vá, aplica te á leitura, á exortação e ao ensino (doutrina) (1 Timoteo 4:13).

Bibliografia:

TRIPP, Tedd – Pastoreando o coração da Criança – 1ª edição, Editora FIEL, 12ª REIMPRESSÃO- 2014
DOHERTY, Sam – Como Ensinar doutrinas bíblicas para crianças – SP, APEC , 1ª Edição, 2006

COMPROMISSOS DIDÁTICOS INEGOCIÁVEIS PARA A EBD



Márcio Klauber Maia

“E leram o livro, na Lei de Deus, e declarando e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse” (Ne 8.8).

Introdução

A Escola Bíblica Dominical é a principal agência de ensino da maioria das igrejas evangélicas, desde que foi fundada por Robert Raikes, em 1780. Para que possa funcionar com êxito e alcançar os objetivos de aprendizado, a EBD precisa contar com uma boa equipe, composta por pessoas comprometidas com o reino de Deus e com o ensino cristão. Cada um deve cumprir bem o seu papel para que toda a EBD funcione com eficiência. Precisa, também, de gestão adequada e investimentos necessários para um bom funcionamento.

Segundo o Pr. Antonio Gilberto, os principais objetivos da EBD são: ganhar almas para Jesus, desenvolver a espiritualidade e o caráter cristão dos alunos, treinar o cristão para o serviço do mestre e renovação espiritual do crente. Para alcançar esses objetivos, necessitamos de estratégias pedagógicas adequadas ao nosso tempo e eficazes para gerar aprendizado.

A necessidade de mudanças

No método tradicional de ensino o professor é visto como o protagonista

do processo e detentor do conhecimento. Ele dá aulas expositivas, usando ou não algum recurso visual, para transmitir o conhecimento aos alunos e promover o aprendizado. O resultado alcançado nessas aulas depende do preparo, conteúdo e habilidades do professor. Conheço alguns professores que não gostam quando os alunos desejam participar da aula, para não atrapalhar a exposição do assunto. O problema é que os resultados não são os melhores, como veremos mais adiante. Para alcançarmos resultados de aprendizado mais eficazes, precisamos mudar a nossa metodologia.

Promover uma mudança de postura em relação à nossa aula é um grande, pois foi assim que a maioria de nós aprendeu com os nossos professores, que também aprenderam assim com os professores deles. E essa metodologia baseada no conteúdo e na transmissão é a mesma utilizada com os nossos pais e avós, pois vem de muitos anos de prática pedagógica. Ela foi importante em um momento em que o acesso à informação era mais difícil, mas os tempos mudaram e isso exige mudança na postura e no papel do professor.

A necessidade de repensarmos a nossa prática pedagógica tem a ver com quais os resultados que desejamos para a vida dos alunos e está diretamente relacionado ao papel do professor em sala de aula. Queremos que os alunos aprendam e que esse aprendizado promova mudanças na vida deles e não apenas sermos considerados professores com grande conhecimento bíblico. A capacidade de ensino de um professor não é medida pelo que sabe, mas pelo que os seus alunos aprendem.

O psiquiatra norte americano William Glasser (1925 – 2013) é autor da teoria da Pirâmide de Aprendizagem, que estuda como o posicionamento ativo do estudante no processo reflete no seu aprendizado. De acordo com a teoria, é assim que os alunos aprendem, e essas as habilidades que precisam ser desenvolvidas, em cada etapa:



Estes percentuais representam uma média, pois o aprendizado não é tão regular para todos os alunos, mas o mais importante é observarmos nos níveis da pirâmide que a participação ativa do aluno promove maior aprendizado. Nos três níveis mais baixos da pirâmide, é exigida uma atitude ativa do aluno e o aprendizado é muito maior do que nos níveis nos quais ele tem uma atitude passiva, seja ouvindo, vendo ou lendo. Em resumo, quanto mais discutimos, praticamos ou ensinamos algo, mais aprendemos sobre o assunto.

O uso das metodologias ativas por um professor que queira exercer o papel de mentor dos seus alunos pode levá-los a desenvolver autonomia, responsabilidade quanto ao seu desenvolvimento, habilidade de cooperação e trabalho em equipe, capacidade crítica, participação ativa e oportunidade de auto avaliação. E isso é tudo o que desejamos ver nos nossos alunos.

O que é ensinar?

É importante entendermos a necessidade de envolver os alunos, porque, afinal, ensinar não é apenas “passar” um conteúdo, mas formar alunos conscientes, com capacidade de absorver, analisar e praticar o que está sendo ensinado. Cabe a nós criar um ambiente no qual o aluno seja estimulado a discutir e compreender o assunto, compartilhando experiências e construindo o conhecimento, sob nossa orientação. Além disso, temos que desafiar os alunos a uma mudança de vida, visando imprimir neles o caráter de Cristo, pela Palavra de Deus.

Para alcançar esses objetivos, precisamos planejar bem a nossa aula. O tempo disponível para a aula é resumido e precisa ser bem aproveitado. Não é possível ensinar tudo, a respeito de qualquer que seja o assunto, em apenas uma aula. Devemos lembrar que métodos e atividades são apenas o meio pelo qual queremos atingir um alvo. O produto final da nossa aula é o aprendizado e não a metodologia, que é apenas a ferramenta utilizada e o meio para se atingir o fim.

Como os alunos aprendem?

A Bíblia nos ensina que Deus criou os seres humanos com características muito especiais, que os tornam distintos de toda a criação. Somos seres biológicos, possuindo um corpo que possui muitos sistemas, que trabalham em conjunto, tais como respiratório, circulatório, muscular, nervoso, reprodutor, entre outros. Isso inclui também a carga genética que recebemos dos nossos pais e os aspectos fisiológicos, que nos tornam únicos e singulares. Também somos seres psicológicos, com capacidade de ter consciência e lidar

com emoções - as nossas e as dos outros - além dos aspectos cognitivos, que incluem a capacidade de resolver problemas, planejar, tomar decisões, fazer conclusões lógicas, investigar, deduzir e pensar de forma criativa.

Criados à imagem e semelhança de um Deus que é trino, também somos seres sociais, com capacidade de interagir com tudo que está ao nosso redor e de estabelecer relacionamentos, tendo a capacidade de cooperar e colaborar, lidar com regras, trabalhar em equipe, comunicar-se com clareza e coerência e resolver conflitos. Isso também inclui os aspectos éticos, que nos permitem respeitar, tolerar e conviver em sociedade, agindo positivamente para o bem comum. A nossa formação tem forte influência dos valores e princípios que recebemos das pessoas que nos cercam, além da carga cultural que inclui uma somatória de costumes, tradições e aspectos comportamentais. Isso inclui também todo o saber construído e acumulado pela humanidade, que nos é transmitido pela arte e literatura, entre outros, que somos capazes de apreciar, criticar e produzir.

Não podemos esquecer que também temos uma dimensão espiritual, que nos permite uma ligação consciente e real com o nosso Criador, e nos capacita para experiências que estão além dos aspectos físicos e psíquicos. Todas essas características estão ligadas em uma unidade que constitui o nosso ser integral e define quem somos, criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26). Podemos “distinguir” as partes constitutivas em corpo, alma e espírito, para fins didáticos, estudando as características em separado, mas não podemos esquecer que essas “partes” constituem um todo, inseparável e intrinsecamente ligadas. Não somos um ser espiritual que possui um corpo, nem um ser material que possui um espírito. Somos uma unidade constituída por todas essas características.

Paulo descreve uma experiência espiritual, dizendo: “Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos (se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar” (2Co 12.2-4). Ora, se a atividade mental, incluindo memória e percepção, fossem realizadas apenas nas sinapses cerebrais, ou seja, uma atividade fisiológica, como ele se lembraria das palavras que ouviu quando o seu espírito foi “arrebatado” do corpo? Na verdade, há uma interação do cérebro (biológico), com o psicológico e o espiritual.

Como professores, precisamos estar conscientes que os nossos alunos precisam ser alcançados em todas essas dimensões e que o nosso ensino precisa ser planejado para conduzir os alunos a experiências que envolvem todas as

suas características: biológicas, psíquicas, emocionais, cognitivas, sociais e espirituais. Quanto mais rica for a experiência, maior será a capacidade do aluno compreender e interiorizar o que estamos ensinando.

A construção do conhecimento envolve a interação entre as informações que recebemos, o ambiente que vivemos e o significado que damos a essas informações. Logo, envolve investigação, sensação e percepção. A sensação é definida pela experiência sensorial através dos sentidos, enquanto a percepção é a interpretação que a nossa mente tem da sensação recebida. Um ambiente de aprendizagem deve ser rico em estímulos que agucem os sentidos, provoquem a reflexão e despertem as emoções e espiritualidade.

Quando utilizamos formas variadas de ensinar o mesmo conteúdo, fazemos com que os alunos tenham experiências diversas, com estratégias que não privilegiem apenas um tipo de aprendizagem e modalidade sensorial. Por exemplo: o aluno pode conhecer a palavra maçã, saber escrevê-la, pronunciá-la e entender que ela significa uma fruta. Ver uma imagem dessa fruta vai acrescentar informações sobre o que ele sabe sobre a maçã. Tocar, cheirar e comer uma maçã será uma experiência muito mais enriquecedora de aprendizagem. Entender outros significados que podem ser dados à palavra maçã e sua representatividade na cultura, por exemplo, será ainda mais enriquecedor.

Vários autores elaboraram teorias de aprendizagem, que nos ajudam a entender como funciona esse processo do aprendizado. Compreensão e retenção são os primeiros passos para gerar novos saberes. Todas as informações que recebemos são registradas, mas, com o passar do tempo, podem ser esquecidas. A consolidação dessas informações pode ocorrer quando o aluno aplica esse conhecimento na prática, gerando mudanças de hábito e transformação de atitudes.

Além disso, quando o aluno é capaz de discutir o assunto, compartilhando as informações com outras pessoas, a retenção é muito maior e ele será capaz de refletir e gerar novos saberes, a partir do conhecimento que adquiriu. O nosso desafio é conduzir os nossos alunos nesse processo.

Aprender fazendo

O educador e filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) foi um dos grandes defensores da associação entre ensino e prática, como metodologia de aprendizagem. Ele apresentou a teoria Aprender Fazendo (learning by doing, em inglês), na qual defendia uma educação experiencial, com o envolvimento direto dos alunos em atividades práticas. John Dewey entendia que os alunos aprenderiam melhor o conteúdo ensinado em sala de aula

quando estivesse associado com atividades práticas, seguidas de análise e reflexão.

Para Dewey, o professor deveria guiar os alunos na pesquisa, elaborar atividades práticas, focadas na experiência que proporcionaria aos alunos, e orientar a discussão dos resultados, estimulando e valorizando a capacidade de pensar dos alunos. Esse conhecimento gerado será aplicado na vida do aluno e não apenas para tirar boas notas na prova.

O “aprender fazendo” não quer dizer que não podemos trabalhar]conceitos e valores e que apenas aspectos práticos da Bíblia devem ser ensinados, mas que os conceitos e valores devem ser aplicados à vida do aluno, para que possam gerar interesse. Lois E. Lebar fala sobre este aspecto do pensamento de John Dewey:

A educação, para Dewey, era a vida e não uma preparação para a vida. [...] O aluno aprende fazendo, o que envolve não apenas sua mente, mas todo seu ser, pois agir é algo intrínseco à natureza humana. Tal atividade não consiste em ficar pulando de um interesse para outro, nem em enterrar-se até o pescoço em trabalhos inúteis, mas em uma investigação inteligente e direcionada a um propósito que possui significado para o aluno.

O educador Celso Antunes explica que “para Dewey, reflexão e ação devem sempre estar unidas”, sendo papel do professor “ajudar o aluno a organizar, ampliar e aprofundar os saberes que traz consigo”. E ainda que o aluno precisa saber “integrar o que descobriu de maneira lógica e racional” . Precisamos levar os nossos alunos a praticar, fazer, elaborar, para que possam aprender melhor. Nosso papel, entre outras coisas, é planejar aulas que incluam atividades relevantes.

O que é necessário em uma boa aula?

Por isto precisamos identificar qual a ideia principal que precisa ser trabalhada, identificando quais os conceitos que o aluno deve dominar no assunto que será ministrado, que valores precisa reter e qual o foco que deve ser dado durante a aula. Isto vai permitir que

nos concentremos no que é importante e necessário, além de ter a oportunidade de identificar a melhor abordagem de acordo com a faixa etária, a formação e as necessidades específicas do grupo com o qual vai trabalhar, levando em consideração o que os alunos já sabem a respeito, a quantidade de alunos na classe, as limitações físicas do local aonde a aula será ministrada, o ambiente espiritual e sócio-econômico do grupo, etc., evitando, assim, que a aula seja sem rumo e improdutiva.

O nosso aluno vai alcançar níveis mais elevados de aprendizagem se for capaz de analisar o conteúdo e dividi-lo em partes, ter uma percepção e capacidade de avaliar e criticar o que está estudando e produzir novos conteúdos com suas próprias descobertas e a partir de suas percepções. Para que ele alcance esse nível, precisamos motivá-lo e desafiá-lo com atividades relevantes. A reflexão e geração de novo conteúdo será muito mais relevante do que a “decoreba”.

Precisamos planejar focando objetivos educacionais e estes objetivos precisam ser mensuráveis, isto é, devem possuir evidências de aprendizagem que possam ser medidas. Se dissermos, por exemplo, que o objetivo é o aluno conhecer os apóstolos de Jesus, esse é um objetivo vago e que será difícil de identificarmos se ele foi alcançado. Se, entretanto, o objetivo for o aluno citar os nomes dos apóstolos, será possível verificar se ele obteve esse conhecimento. Outro exemplo: se o objetivo for o aluno saber que Corinto era uma cidade ímpia, não teremos como medir essa informação, mas se pedirmos que o aluno cite três motivos para considerarmos Corinto uma cidade ímpia, isso pode ser verificado. Definidos os objetivos, precisamos pensar nos aspectos práticos da aula: as atividades que o professor e os alunos irão realizar, e que recursos serão necessários. É nesta fase que podemos decidir qual a melhor forma de apresentarmos o tema, para atingir o objetivo, escolhendo que atividades serão realizadas em conjunto com os alunos, ou seja, quais os métodos que serão empregados na construção do aprendizado, de modo a facilitar a compreensão e fixar os valores que precisam ser adquiridos.

Devemos lembrar que métodos e atividades são apenas o meio pelo qual queremos atingir um alvo. O produto final da nossa aula é o

aprendizado e não a metodologia, que é apenas a ferramenta utilizada e o meio para se atingir o fim. O professor deve planejar atividades para os alunos, sabendo que eles irão absorver muito mais daquilo que fazem, do que apenas vêem ou ouvem. É importante e necessário que planejem maneiras de tornar a aula participativa. Isto vai aumentar o interesse dos alunos pela aula, fazendo com que se sintam importantes e necessários na classe, além de desenvolver o raciocínio e a intimidade com o assunto.

Precisamos também planejar quais os recursos ou materiais serão necessários para o funcionamento destes métodos e a execução destas atividades. Tudo precisa ser planejado e providenciado com antecedência para se evitar imprevistos e surpresas de última hora.

O planejamento das aulas

O primeiro passo para aulas que despertem a participação ativa dos alunos, na qual eles realizem tarefas que provoquem um envolvimento prático e reflexivo com o assunto estudado, é um bom planejamento. Imagine se você vai realizar uma viagem. Não dá para pegar o carro e sair sem rumo. Precisamos planejar como chegar ao nosso destino: Para onde queremos ir? Se nunca fomos a esse local, como saberemos que chegamos lá? Quais os sinais ou vestígios que indicarão isso? Como chegar a esse destino? É assim também no nosso ensino. Ter um objetivo claro ajuda a focar nosso planejamento e guiar as nossas ações.

Os educadores Grant Wiggins e Jay McTighe propõem que o planejamento seja feito de forma reversa: do fim para o começo. Observando os resultados desejados é que podemos focar no conteúdo, nos métodos e nas atividades que ajudarão os alunos a atingir esses resultados. É claro que queremos que os alunos estejam engajados, e sabemos que a participação ativa vai ajudar nisso, mas o nosso foco não é a atividade, e, sim, o aprendizado que ela pode proporcionar. Esses autores afirmam:

O planejamento reverso pode ser pensado, em outras palavras, como a análise intencional da tarefa: considerando uma tarefa importante a ser cumprida, como melhor equiparmos a todos? Ou podemos pensar nela como a construção de um itinerário inteligente usando um mapa: considerando-se um destino, qual a rota mais efetiva e eficiente? Também podemos pensar nela como planejamento para formação, conforme sugerido anteriormente o que os aprendizes precisam dominar para que desempenhem perfeitamente? o que será contabilizado como evidência em campo, não meramente nos exercícios, de que eles realmente compreenderam e estão prontos. Para realizarmos o planejamento reverso das nossas aulas, segundo

essa proposta, devemos seguir três passos:

Passo 1: Identificar os resultados desejados. Começamos o nosso planejamento identificando os objetivos educacionais que queremos que os nossos alunos alcancem. Devemos lembrar no que vimos sobre o nível de aprendizado dos nossos alunos e buscar objetivos que proporcionem níveis mais elevados de aprendizagem.

Passo 2: Determinar evidências aceitáveis. Como saberemos que os nossos objetivos educacionais foram atingidos? Os verbos utilizados no planejamento vão indicar o que queremos que os alunos sejam capazes de fazer e a avaliação que realizamos vai apontar se conseguimos alcançar o que foi planejado.

Passo 3: Planejar experiências de aprendizagem e ensino. Sabendo aonde queremos chegar e como podemos identificar se alcançamos o alvo, vamos planejar atividades que promovam experiências de aprendizagem capazes de gerar a compreensão do assunto abordado e gerar as competências e habilidades que desejamos. Desse modo, as atividades e recursos devem ser escolhidos e usados para garantir que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados.

Planejando assim, podemos ter mais clareza quanto ao que desejamos alcançar em nossas aulas. Grant Wiggins e Jay McTighe observam:

Sem consciência das compreensões específicas que buscamos sobre preconceito, e como a leitura e a discussão do livro irão ajudar a desenvolver tais compreensões, o objetivo será muito vago: a abordagem é mais “por esperança” do que “por planejamento”. Tal abordagem acaba involuntariamente sendo o que poderia ser descrito como jogar algum conteúdo e atividades contra uma parede e esperar que algum deles grude.

Ao realizar as atividades, os alunos devem ter consciência de qual o objetivo dessa prática, entendendo o que aquela atividade vai ajudar a que ele possam compreender ou serem capazes de fazer. Sendo orientados claramente sobre o que o professor está pedindo que seja feito e como isso será avaliado, os alunos poderão participar das atividades mais focados, buscando objetivos específicos.

Planejando atividades

Planejando atividades

O planejamento de uma aula deve sempre incluir atividades pedagógicas, que promovam a participação ativa dos alunos e o alcance dos objetivos educacionais. Não podemos esquecer que essas atividades devem ser adequadas à realidade de cada classe. Algumas observações importantes para o planejamento dessas atividades:

- a)** Escolha atividades adequadas ao perfil de seus alunos, considerando a idade, a escolaridade, o número de alunos na classe, o conhecimento que os alunos têm do assunto, contexto social e econômico, entre outras características;
- b)** Planeje atividades colaborativas, que envolvam a participação e reflexão dos alunos, tais como discussão, debate, elaboração de perguntas e respostas. Ao final da atividade é importante que os alunos façam a exposição do que construíram;
- c)** Programe as atividades de acordo com o tempo disponível. A aula deve ter um início, um desenvolvimento e um final. A atividade não pode tomar todo o tempo da aula, sem espaço para a reflexão e discussão.

Lembre que o professor deve ser o guia e mediador das reflexões e discussões. Deixe os alunos realizar as atividades, mas mantenha o foco e a orientação da aula, de olho nos objetivos educacionais propostos. Precisamos também planejar quais os recursos ou materiais serão necessários para o funcionamento e a execução destas atividades. Tudo precisa ser planejado e providenciado com antecedência para se evitar imprevistos e surpresas de última hora.

Conclusão

Os professores são os responsáveis pelo ensino, tendo o cuidado de planejar as aulas antecipadamente, seguindo o currículo adotado pela igreja como guia orientador, preparar o material didático necessário, manter o contato com os alunos e aplicar as aulas, conforme a escala ou orientação do coordenador. Devem seguir as orientações pedagógicas e colaborar com a coordenação, inclusive nas questões de pontualidade e assiduidade.

É importante investir em uma boa biblioteca, na participação em eventos de formação e atualização pedagógica, além de manter uma vida cristã exemplar, cuidando do aspecto devocional e espiritual, para ter exemplo necessário a um bom professor. Também é necessário manter bom relacionamento com

toda a equipe, alunos e pais.

Na gestão administrativa do ensino deve existir um bom trabalho de secretaria, para manter atualizado os dados e registro das atividades, providenciando também os recursos necessários para que os professores possam desempenhar o seu papel.

Os professores e professoras da igreja atuam de forma voluntária e a maioria não tem formação pedagógica. Assim sendo, precisam receber orientação e treinamento para saberem como atuar, visando a eficácia na aprendizagem dos alunos. É importante cuidar da formação dos professores, fornecendo treinamento pedagógico periódico. Além disso, é necessário observar a conduta pedagógica dos docentes e acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, propondo novas formas de lidar com a turma ou com alguns alunos que precisam de atenção especial, oferecendo soluções para problemas e dando o suporte necessário para as atividades que estejam relacionadas ao aprendizado.

A coordenação deve ouvir e guiar os professores, estimulando o engajamento com projetos coletivos e individuais, organizar e acompanhar o trabalho dos professores. Também é importante realizar reuniões periódicas de avaliação e planejamento com a equipe, para manter a motivação e a uniformização das atividades.

Referências

- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Manual do Superintendente da Escola Dominical. Rio de Janeiro: CPAD. 3ª Edição, 2003.
- ANTUNES, Celso. Professores e Professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. Petrópolis: Editora Vozes, 9ª edição, 2017.
- SILVA, Antonio Gilberto da. Manual da Escola Dominical. Rio de Janeiro: CPAD. 18ª Edição, 2014.
- CARVALHO, César M. *Uma pedagogia para a educação cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- GRIGGS, D. *Manual do professor eficaz*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- HAYES, Clancy P. *Alcance Todos os Seus Alunos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- TOWNS, E. L. *Enciclopédia da Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- LEBAR, Lois E. *Educação que é cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- WIGGINS, Grant; MCTIGHE, Jay. *Planejamento para a Compreensão: Alinhando Currículo, Avaliação e Ensino por Meio da Prática do Planejamento Reverso*. Porto Alegre: Penso, 2019.

“MAS AS MINHAS PALAVRAS JAMAIS PASSARÃO”



Márcio Klauber Maia

**“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar”
(Mt 24.35)**

Introdução

A Bíblia não é apenas um livro importante, mas a única fonte confiável para conhecer a Deus e compreender seus propósitos. Ela não contém, apenas, a palavra de Deus, mas é a própria fala de Deus aos homens; não relata, apenas, a verdade, mas é a única verdade; não registra, apenas, um conjunto de regras, mas é o único manual de regra e prática, dado por Deus para os homens. Assim sendo, a leitura, estudo e meditação da Bíblia não é somente importante, mas indispensável para todos os que querem conhecer a Deus e saber a sua vontade.

Para destacar o seu valor e importância para a humanidade, a Bíblia é apresentada através de diversos títulos, tais como: “Escritura” (Mc 12.10) ou “Escrituras” (Mt 21.42), “Sagradas Escrituras” (Rm 1.2); “Sagradas letras” (2Tm 3.15), “oráculos de Deus” (Rm 3.2) ou, simplesmente, “Palavra de Deus” (Mc 7.13). Há também muitos símbolos, que destacam a utilidade da Bíblia, tais como: “semente”, da qual nascemos (1Pe 1.23); “luz”, pela qual somos guiados (Sl 119.105), “alimento”, pelo qual somos nutridos (Ef 2.20); “fundamento”, sobre o qual somos edificados (Ef 2.20) e “água”, que lava e purifica (Ef 5.26), entre outros.

1. Como a Bíblia chegou a nós?

A Bíblia não é produto da imaginação humana, mas foi nos dada por Deus, utilizando instrumentos humanos para que sua mensagem chegasse a nós. Nesse processo, podemos destacar três aspectos: revelação, inspiração e iluminação. A Bíblia inteira foi escrita num período que abrange cerca de 1600 anos. É uma obra que envolveu 40 ou mais autores, dos mais distintos e remotos lugares, das mais variadas profissões: de humildes agricultores e pescadores até renomados reis, os quais habitaram em três continentes: Ásia, África e Europa, e escreveram em três idiomas: hebraico, aramaico e grego.

Essa variedade de condições humanas, sociais, geográficas e idiomáticas seria suficiente para que a Bíblia fosse um emaranhado de ideias desconexas, uma “colcha de retalhos”, se fosse produto da imaginação humana, mas é um texto coerente, que segue uma linha de pensamentos conectados, desde o primeiro ao último livro, porque é produto da mente de um único autor: Deus. Um músico pode tocar diversos instrumentos musicais, cada um com o seu timbre, mas quem ouve o som pode identificar o estilo musical daquele que executa a música, apesar da identificação sonora completamente diferente de um piano para um saxofone, por exemplo. É assim com o texto bíblico: cada escritor tem seu vocabulário e estilo, mas podemos perceber a mão do autor divino em cada texto.

a) Revelação

O homem, sendo limitado e finito, não tem condições de alcançar as verdades a respeito de Deus, que é infinito e ilimitado. Para que o pudéssemos conhecer, o próprio Deus deu-se a conhecer, o que chamamos de revelação. Uma definição de revelação é: “o desvendamento que Deus faz de si mesmo, girando em torno da pessoa de Jesus Cristo, através da criação, da história, da consciência humana e das Escrituras. Ela é dada através de conhecimentos e de palavras”.

Deus se revelou por diversos meios: de forma natural, pela natureza (Rm 1.18-21; Sl 19); de forma prática, pela providência (Rm 8.28; At 14.15-17); de forma interior, através da consciência (Rm 2.14,15), de

forma pessoal, através de Cristo (Jo 1.14) e, principalmente, de forma escrita, através da Bíblia (1Jo 5.9-12). Sobre este assunto, afirma Francis Turretin:

Embora a revelação natural possa nos mostrar diferentes coisas com respeito a Deus, ela não pode nos ensinar coisas suficientes para um conhecimento salvífico de Deus sem uma revelação verbal sobrenatural. As obras da redenção e graça podem ser conhecidas por nós somente pela palavra (Rm 10:17; 16:25-26).

A revelação final de Deus aos homens é a Bíblia Sagrada, não sendo necessário nenhum acréscimo ou complemento. Assim sendo, toda profecia, sonho ou visão devem ser submetidos ao “crivo” da Palavra de Deus, que é a “maior profecia”, ou seja, a revelação definitiva de Deus.

b) Inspiração

Como a Bíblia foi produzida? De que forma ela chegou até nós? Teria sido produto da imaginação de homens? Teria sofrido a influência da cultura, da história ou da vontade dos povos? Como ela pode ser a Palavra de Deus, se foi escrita por homens? Certamente já nos deparamos com perguntas como estas. E a resposta para todas elas está nas palavras do apóstolo Pedro: “porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21).

Uma definição de inspiração é: “a ação supervisionadora de Deus sobre os autores humanos da Bíblia de modo a, usando suas próprias personalidades e estilos, comporem e registrarem sem erro as palavras de Sua revelação ao homem”. Inspiração significa, literalmente, “soprada por Deus”, isto é, algo que Deus lançou, de si mesmo, para nós.

A inspiração da Bíblia é verbal e plenária. Isso significa que todas as palavras dos escritos originais foram dadas por Deus aos autores humanos. A esse respeito, o Rev. Angus Stewart faz a seguinte declaração:

A Escritura não admite diferentes qualidades de inspiração. Nem todas as partes são de igual valor para edificação, mas todas as partes são igualmente inspiradas. Quando Cristo ou seus apóstolos citavam o Antigo Testamento, eles não faziam distinção entre o Pentateuco (Gênesis-Deuteronômio) ou os Profetas, ou qualquer dos outros livros, como tendo diferentes graus de autoridade, pois todos eram Palavra de Deus... Toda palavra dos autógrafos (os manuscritos originais) é inspirada. Isso era necessário, pois a revelação escrita de Deus consiste de proposições que são comunicadas por meio de palavras. Verificamos isso também a partir de uma consideração

inteligente das citações do Antigo pelo Novo Testamento. Em Mateus 22:32, o argumento de Cristo descansa sobre o fato que as palavras de Deus em Êxodo 3:6 não estão no tempo passado.

Precisamos levar em consideração, também, que Deus não usou os homens para escreverem as Escrituras como meros robôs, ou como se fossem uma “máquina de escrever”. Ele mesmo os capacitou, dando-lhes dons e talentos, os quais foram utilizados para produzir o texto sagrado, sem, contudo, permitir que a vontade humana alterasse o conteúdo, pois esses homens foram dirigidos pela vontade soberana do Supremo Autor, que “supervisionou” todo o processo. Isto é o que chamamos de inspiração orgânica, isto é, Deus falando através dos homens.

c) Iluminação

O que torna a Bíblia um livro sobrenatural, além da forma extraordinária como foi produzida, é o efeito que a leitura do seu texto produz naqueles que o fazem com o propósito de conhecer o seu autor. É através da iluminação que o Espírito Santo concede aos cristãos a capacidade intelectual de compreenderem o que foi inspirado e revelado nas Escrituras Sagradas. É impossível entendermos a situação de pecado sem intervenção do Espírito Santo que produz luz em nossa consciência, por exemplo.

Por esta razão, nenhum outro livro pode transformar o ser humano, através de uma simples leitura, como a Bíblia Sagrada. Nenhuma pessoa teve a sua vida radicalmente transformada através da leitura de Paulo Coelho ou Machado de Assis, por exemplo. Entretanto, um número incontável de cristãos, espalhados por todo o mundo, pode testemunhar de vidas iluminadas por Deus, através da leitura da Bíblia.

2. A Bíblia não contém erros ou enganos

A Bíblia é a Palavra de Deus, e ele não comete falhas, pois é perfeito. Sendo a Bíblia a revelação do próprio Deus, não podemos aceitar a ideia de que Ele cometesse algum engano, ao transmiti-la. A Palavra de Deus é a verdade e é perfeita (Sl 19.7; Jo 17.17). Ela expressa a fidedignidade do caráter de Deus (Jo 17.3; Rm 3.4) e a veracidade do ensino de Cristo (Mt 5.17; Jo 10.35).

A inerrância da Bíblia é um reflexo da autoridade do seu autor. Constantemente encontramos, na Bíblia, expressões como “assim diz o Senhor” (Ex 4.22; Js 24.2; 1Sm 15.2), ou “veio a mim a Palavra do Senhor, dizendo” (1Cr 22.8; Jr 13.8; Ex 12.8), as quais atestam a origem

divina dos registros bíblicos. O profeta Jeremias recebeu esta certeza de Deus: “Eis que ponho as minhas palavras na tua boca” (Jr 1.9). Para Ezequiel, Deus disse: “Mas tu dirás as minhas palavras” (Ez 2.7). Davi declarou: “O espírito do Senhor falou por mim” (2Sm 23.2).

Quanto o Antigo Testamento é citado no Novo Testamento, é sempre acompanhado de expressões semelhantes, tais como: “o Espírito Santo predisse” (At 1.16) ou “Deus disse” (2Co 6.16). Desta forma, toda a Bíblia é apresentada como sendo a Palavra de Deus, infalível e totalmente confiável, pois é dotada da autoridade divina.

Dada a sua autoridade divina, a Bíblia Sagrada é, portanto, integralmente confiável e infalível (1Tm 1.15; Tt 3.8). Ela é um modelo de confiabilidade e nunca causará confusão (Rm 9.33; Jo 19.35). Ela é verdadeira nos mínimos detalhes, como disse Jesus: “até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido” (Mt 5.18), isto é, desde a menor letra e o menor traço.

Algumas dificuldades podem ser encontradas nos textos bíblica, por alguma falha nas cópias ou alguma dificuldade na tradução dos textos originais para o nosso idioma, mas essas falhas não alteram a mensagem do texto e podem ser amenizadas quando consultamos diferentes traduções.

3. A importância da Palavra de Deus para a Igreja

A igreja é a agência do reino de Deus entre os homens. Sua missão para com o mundo é a evangelização, ou seja, a propagação da mensagem do evangelho a todos os habitantes do planeta; sua missão para com Deus é a adoração, isto é, uma vida voltada para a glorificação e exaltação do Senhor, reconhecendo a sua soberania e domínio e louvando-o pelos seus feitos e atributos. Esta missão também visa a própria igreja, promovendo o crescimento mútuo, através da comunhão, e do ensino bíblico, visando o aperfeiçoamento daquele que crê em Deus.

O ensino regular e organizado da Palavra de Deus é o principal fator para o crescimento da igreja e para o real cumprimento da sua missão. Como poderemos anunciar as verdades do evangelho se não as conhecemos? De que forma a evangelização será eficaz, se não baseada nos princípios bíblicos? Se os cristãos não forem devidamente instruídos e orientados, através do estudo relevante da Bíblia Sagrada, não terão condições de evangelizar, de modo a alcançar vidas, através da apresentação do verdadeiro evangelho, sem acréscimos ou decréscimos. Só assim poderemos cumprir um grande lema cristão: “conhecer a Deus e torná-lo conhecido”.

O mesmo pode ser dito a respeito da tarefa de adorar a Deus. Precisamos conhecer o Deus que queremos adorar. Qual é a vontade de Deus para nós, no tocante à adoração? Como ele quer ser adorado, pelos seus filhos? Sem a orientação segura da Palavra de Deus corremos o risco de oferecer um culto que não agrada a Deus; sem a Bíblia Sagrada, a liturgia pode se tornar profana, os sacerdotes levianos e a oferta imunda. Já vimos isto acontecer na vida do povo de Israel e de muitas igrejas também.

Se a Bíblia não estabelecer o padrão de relacionamento entre os cristãos, não haverá comunhão, nem crescimento mútuo. Somente mediante o aprendizado das verdades bíblicas, através do estudo bíblico/teológico poderemos construir relacionamentos sinceros e duradouros entre os cristãos, que os levem a amar ao próximo e a viver uma espiritualidade sadia e que promova a transformação da sociedade na qual estão inseridos. Este cuidado de ensinar a Bíblia, entretanto, tem sido desprezado em muitas igrejas e o resultado disto é catastrófico: crentes sem base bíblica, que não conhecem a Deus e vivem uma vida de religiosidade, desconectada com a ética e a moral da Bíblia, que não produzem frutos espirituais, nem crescem em comunhão com Deus e com os outros cristãos. É urgente a necessidade de voltarmos nossos esforços para a o ensino regular da Bíblia Sagrada na igreja, visando o desenvolvimento de crentes maduros e comprometidos com Deus.

A falta de melhor entendimento desta realidade tem levado as igrejas a investirem muito pouco na preparação e aperfeiçoamento de pessoas comprometidas com o ensino da Bíblia. Sem professores preparados, não somente no aspecto teológico, mas que tenham sido impactados pela Bíblia e que tenham compromisso com o ensino da genuína mensagem divina, não haverá um ensino relevante e transformador. Devemos “rogar ao Senhor da seara, para que envie ceifeiros”, mas precisamos também preparar estes que foram enviados, para que produzam bons frutos.

a) Dedicção e Excelência

A obra de Deus deve ser realizada pelos servos de Deus visando dar o melhor de cada um para o crescimento do reino de Deus. O serviço cristão deve ser visto com sendo muito importante e que merece toda a nossa atenção e dedicação. Os que servem na casa do Senhor precisam estar acima da mediocridade. Deus falou pelo profeta Jeremias: “Maldito aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente” (Jr 48.10 ARC). Outras versões dizem: “Maldito o que faz com negligência o trabalho do Senhor” (NVI) ou “Maldito aquele que é relaxado no serviço de Deus” (NTLH). Ele chama a nossa atenção para a necessidade de dedicação e excelência no que fazemos.

Sabemos que nem todos produzem na mesma proporção, mas cada um deve produzir segundo a sua capacidade. As pessoas são diferentes desde o nascimento. Elas Possuem dons naturais diferentes, são educados de forma diferente e possuem dons espirituais diferentes, mas todos deverão desenvolver o seu serviço de acordo com o que receberam, pois responderão pelo nível de recursos que receberam (Lc 12.48).

A Bíblia nos mostra alguns exemplos:

- A semente que caiu em boa terra: produziu a trinta, a sessenta e a cem por um – Parábola do Semeador (Mc 4.8). A mesma semente, no mesmo terreno, produziu em proporções diferentes.
- Número diferente de talentos: Na Parábola dos talentos (Mt 25.14-30), o Senhor a um deu cinco talentos, a outro deu dois e a outro deu somente um. O critério da distribuição foi a capacidade de cada um.
- Níveis diferentes de frutificação: Jesus fala sobre a vara que não dá fruto, a que dá fruto, a que dá mais fruto e a que dá muito fruto (Jo 15.1-5). Nem todos frutificarão na mesma proporção e intensidade, mas todos devem frutificar.

Sem estabelecer comparações ou imitações, devemos fazer o melhor para o Senhor, conforme a nossa condição e capacidade. O padrão bíblico para o serviço cristão é o de maior desempenho possível. Deus requer de cada servo que se dedique inteiramente àquilo que faz para Ele, buscando alcançar o objetivo de sua missão (1Co 9.24-27).

b) A preparação e o compromisso do Professor

O principal fator para transmitir o ensino bíblico com excelência é a compreensão correta do seu significado. A correta interpretação da Bíblia é fundamental para o ensino da sã doutrina. Infelizmente, vemos nos nossos dias alguns pregadores e ensinadores que não tem compromisso com a interpretação bíblica, abusando das alegorias e das interpretações “criativas”, que não comunicam a verdadeira mensagem da Palavra de Deus.

O método de interpretação adequado à ortodoxia é trocado por métodos que favorecem a teologia liberal ou por métodos alegóricos, que favorecem o surgimento de heresias e modismos, seja por falta de conhecimento ou por influência de teólogos que defendem esta linha interpretativa. O princípio de interpretação literal ou textual da Bíblia, utilizado de forma sistemática, permite que a própria Escritura interprete a si mesma, através da progressão

revelação, sem fantasias e simbolismos complexos. A regra principal é citada por David L. Cooper:

Quando o sentido explícito de um texto das Escrituras fizer sentido, não procure outro sentido; portanto, interprete cada palavra em seu significado primário, comum, usual, literal, a menos que os fatos do contexto imediato, estudados à luz de passagens correlatas e de verdades fundamentais axiomáticas, indiquem nitidamente o contrário.

No seu trabalho de estudo e pesquisa bíblica, o professor precisa levar em conta o contexto histórico que envolve o texto, fazendo uma avaliação acurada de todas as relações desta informação com o sentido do texto, levando em conta a época e a situação original em que o texto foi escrito. Além disto, precisa observar a perspectiva teológica, isto é, a teologia do texto que é o objetivo perseguido na investigação exegética. Precisamos entender o que Deus queria ensinar através daquele texto. Alguns aspectos devem ser observados, para uma correta compreensão do texto:

- Aspectos históricos: quem escreveu ou falou este texto e para quem era endereçado? Qual é o fundo histórico e cultural?
- Aspectos textuais: qual é o contexto imediato? Qual é o contexto mais amplo exposto no capítulo e no livro?
- Aspectos literários: qual o gênero do texto? É narrativo, poético, exortativo ou profético? É descritivo ou prescritivo?
- Aspectos gramaticais: o que o texto quer dizer? Existe alguma palavra ou frase nesta passagem que precise ser melhor examinada? Existem figuras de linguagem empregadas?

Percebemos, portanto, que não se pode separar o ensino bíblico de um trabalho dedicado de pesquisa e planejamento. O professor deve examinar o texto consultando traduções diferentes da Bíblia e utilizar boas ferramentas auxiliares. Um bom dicionário bíblico será útil para pesquisar o significado das palavras, nomes de personagens e lugares, acrescentando conhecimento necessário para o entendimento das situações e contexto das passagens bíblicas, por exemplo.

A utilização de comentários bíblicos e Bíblias de Estudo comentadas ajuda, mas devemos fazer o nosso exercício de interpretação em primeiro lugar, e depois podemos comparar com a dos autores dos comentários. Será de grande ajuda, também, o uso de uma Bíblia de Referência, que pode nos

auxiliar a encontrar textos relacionados.

A leitura de bons livros evangélicos, além de ser uma fonte de capacitação é uma prática de humildade, pois parte do princípio que precisamos da ajuda dos outros e que reconhecemos o trabalho de Deus na vida de outras pessoas, inspirando-as, se revelando a elas e as ensinando, pelo Espírito Santo. Como dizia o saudoso pastor João Batista: “Deus não diz tudo de uma vez, nem revela tudo a uma só pessoa”. Ler a Bíblia é entendermos que Deus nos revela verdades através da sua Palavra. Ler bons livros evangélicos é reconhecer que Deus revela verdades também a outros e eles as compartilham conosco através dos livros que escrevem.

Precisamos investir principalmente em obras de referência como Enciclopédias, compêndios de Teologia, Dicionários, além de livros que nos capacitem para melhor fazer a obra do Senhor. Além disso, inclusive para incentivar a prática da leitura, é importante investirmos em bons livros devocionais e biografias, dentre outros.

Conclusão

Os segredos para uma boa aula são o planejamento e a criatividade. As coisas não acontecem por acaso e o aprendizado não se desenvolve sem que haja um trabalho prévio. É nossa responsabilidade O professor que lê apenas a lição no Sábado à noite ou até no Domingo pela manhã, não terá condições de exercer o seu ministério, sem antes planejar e preparar a sua aula.

Sem dúvida, ensinar é um trabalho árduo e que exige muita dedicação. Daí a recomendação de Tiago para que nem todos se dediquem a este ministério (Tg 3.1). É, entretanto, uma tarefa recompensadora e gratificante. Os que exercem este ministério com dedicação e empenho, verão o resultado nas vidas que serão impactadas pelo ensino da Palavra de Deus, não esquecendo o que a Bíblia diz: “Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos” (Sl 126.5,6).

Referência Bibliográfica

BENTHO, Esdras C. Hermenêutica fácil e descomplicada. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. 6 volumes. São Paulo: Editora Candeia, 1995. DUFFIELD, Guy P., VAN CLEAVE, Nathaniel M. Fundamentos da Teologia Pentecostal. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000. GANGEL, Kenneth. Manual de Ensino para o Educador Cristão. Rio de Janeiro. CPAD, 1999. GEISLER, Norman e NIX, William. Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós. São Paulo: Editora Vida. 1997. GRIGGS, Donald. Manual do Professor Eficaz. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 2009. GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática. São Paulo, Vida Nova: 1999, 1ª edição. ICE, Thomas. Entendendo o Dispensacionalismo. Porto Alegre: Actual Edições, 2004. LEFEVER, Marlene. Métodos Criativos de Ensino. Rio de Janeiro. CPAD, 2005. LUND, E.; NELSON, P. C. Hermenêutica: Princípios de interpretação das Sagradas Escrituras. São Paulo: Editora Vida, 2006. OSBORNE, G. R. A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação



VENHA ESTUDAR CONOSCO!

Centro Educacional Teológico da
Assembleia de Deus em Abreu e Lima - PE

NOSSOS CURSOS

BACHAREL LIVRE EM TEOLOGIA

BÁSICO EM TEOLOGIA - ONLINE/PRESENCIAL

BÁSICO EM MÚSICA

BÁSICO EM MISSIOLOGIA

CURSOS DE CURTA DURAÇÃO - EAD

CAPELANIA

LIBRAS



(81) 9 9126-5849



CETEADALPE IEADALPE



CETEADALPE IEADALPE



CETEADALPE

Horário de
Funcionamento
de nossa
secretaria:

Segunda
a Sexta
das 14h às 21h
Aos Sábados
das 14h às 18h